

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SORAIA BATISTA RIBEIRO

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA EM UM CENTRO
EDUCATIVO DO MUNICÍPIO DE PARINTINS/ AM**

**Parintins
2018**

SORAIA BATISTA RIBEIRO

**AS HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA EM UM CENTRO
EDUCATIVO DO MUNICÍPIO DE PARINTINS/ AM**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Estado do Amazonas - UEA, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Profª Orientadora: Msc Delma Pacheco Sicsú

**Parintins
2018**

SORAIA BATISTA RIBEIRO

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA EM
UM CENTRO EDUCATIVO DO MUNICÍPIO PARINTINS/ AM**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Estado do Amazonas - UEA, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: __/11/2018

Profª Me. Delma Pacheco Sicsú
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Me. Francisca Keila de Freitas Amoedo
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Me. Franklin Roosevelt Martins de Castro
Universidade do Estado do Amazonas

DEDICATÓRIA

Dedico essa conquista a pessoas muito especiais em minha vida. A primeira, in memoriam a minha querida Vó , Dalila Batista que me faz muita falta, mas que sempre estará em meu coração. Espero que sinta orgulho da sua neta que lhe ama muito! Dedico também essa conquista a minha família .

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à Deus pelo dom da vida, por me dar forças para não desistir, sem ele jamais conseguiria chegar até aqui. A minha família pelo incentivo e paciência por estar ao meu lado durante todos esses anos. Agradeço a minha mãe Cilene Batista, ao meu pai Carlos Ribeiro e meus irmãos Samanta, Salomão, Carla e Cireny Maria, pessoas que foram fundamentais ao longo dessa jornada. Obrigada pelo carinho e dedicação principalmente nos momentos de maior turbulência em minha vida. A vocês toda minha gratidão!

Agradeço em especial ao meu esposo e melhor amigo Gideão Teixeira que sempre esteve ao meu lado me incentivando para que esse momento se tornasse realidade. Aos meus amados filhos Gabriel, Sofia e Miguel, no quais sempre busquei forças para a realização desse sonho do qual compartilhamos juntos.

Aos colegas de sala que diariamente convivi, vivenciando diversas experiências e aprendizagens. As diversas amizades que conquistei, em especial agradeço a Izaurene, Adria, Erilene, Melissa e Sanna pelo companherismo, compreensão e apoio. Aos professores que no decorrer do curso compartilharam conhecimentos contribuindo para nossa aprendizagem.

A minha orientadora professora Me. Delma Sicsú, por acreditar neste trabalho e me oferecer todo o suporte e incentivo durante nossos encontros de orientação. Quero agradecer também a escola onde foi realizada a pesquisa, á todos os funcionários, em especial a turma que me acolheu e que muito contribuiu, pois este trabalho foi tecido por muitas mãos, obrigada crianças!

Enfim a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação!

O desafio é saber olhar os quadrinhos como um recurso pedagógico. Se isso for feito , o profissional de área vai se surpreender com a enorme gama de recursos e contribuições que a linguagem e suas obras podem trazer à realidade escolar. E a educação brasileira, com certeza, só tem a agradecer por isso. (VERGUEIRO, RAMOS, 2015).

RESUMO

O presente trabalho visa mostrar a importância da utilização das HQs (histórias em quadrinhos) como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura em uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental de um Centro Educativo do município de Parintins. Para fundamentar a pesquisa embasou-se em alguns estudiosos como: Ramos (2016), Vergueiro (2015), Triviños (2015), Weisz (2004), e outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica empreendida a partir de um estudo de caso com apoio das técnicas de observações e aplicação de questionários. Os resultados apontaram as dificuldades que professores e alunos encontram mediante processo de ensino e aprendizagem da leitura, bem como evidencia a contribuição do uso das histórias em quadrinhos em sala de aula como possibilidade didática para contornar tais dificuldades. Pretende-se levar para conhecimento dos professores uma reflexão de suas práticas, métodos e estratégias de ensino, de forma a melhorar e alcançar o sucesso educativo.

Palavras-Chave: Ensino. Aprendizagem. Leitura. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

The present work aims to show the importance of the use of comics as a didactic tool in the teaching and learning process of reading in a third year class of Elementary School of an Educational Center in the municipality of Parintins. To base the research, it was based on some scholars such as: Ramos (2016), Vergueiro (2015), Triviños (2015), Weisz (2004), and others. It is a qualitative research of phenomenological approach undertaken from a case study with support of the techniques of observations and application of questionnaires. The results pointed out the difficulties that teachers and students encounter through teaching and learning process of reading, as well as evidence the contribution of the use of comics in the classroom as a didactic possibility to overcome such difficulties. It is intended to bring to the knowledge of teachers a reflection of their practices, methods and teaching strategies, in order to improve and achieve educational success.

Keywords: Teaching. Learning. Reading. Comics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alguns tipos de balões	20
Figura 2: Onomatopéias.....	21
Figura 3: Vinhetas diferenciadas em quadrinho do personagem The Flash	21
Figura 4: Metáforas visuais em quadrinhos da Turma da Mônica.....	22
Figura 5: Linhas Cinéticas em quadrinhos da Turma da Mônica	22
Figura 6: Legendas	23
Figura 7: Letras como recurso visual	23
Figura 8: Nível de proficiência em Língua Portuguesa	40
Figura 9: Quadrinhos do Chico Bento	49
Figura 10: Gibi inclusão social	50
Figura 11: Produção dos alunos na oficina	51
Figura 12: Produção dos alunos sobre inclusão na escola.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS

HQs	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
LDB	LEI DIRETRIZES E BASES
PCNs	PARÂMENTROS CURRICULARES NACIONAIS
PNBE	PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA
SAEB	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1 AS ORIGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO.....	14
1.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHO NO BRASIL	17
1.3 A LEITURA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO: ENTRE A LINGUAGEM VISUAL E VERBAL.....	18
1.4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA.	24
CAPITULO II – PERCURSO METODOLÓGICO	31
CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
3.1 O MODO DE VER E PENSAR AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.	36
3.2 AS RECEPÇÕES DAS HQs EM SALA DE AULA	44
3.3 A FABRICA DE HQs.	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO A DOCENTE.....	59
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DISCENTES.....	61
ANEXO 1 – DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA	62
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	63
ANEXO 3 – HISTÓRIA EM QUADRINHO PRODUZIDA NA OFICINA.....	64
ANEXO 4 - HISTÓRIA EM QUADRINHO PRODUZIDA NA OFICINA.....	65
ANEXO 5 - HISTÓRIA EM QUADRINHO PRODUZIDA NA OFICINA.....	66

INTRODUÇÃO

A leitura constitui hoje uma das competências imprescindíveis para o homem no mundo moderno. Esta é uma habilidade apontada como uma das principais deficiências do estudante brasileiro, pois não basta apenas decodificar sinais e signos é necessário compreender o que se lê. Além disso, os resultados em sistemas nacionais de avaliação do ensino básico aliadas à pesquisas recentes na área educacional dão conta de que as crianças avançam nas séries, mas nem todas conseguem apreender os conhecimentos de leitura às suas séries correspondentes, o que acaba por dificultar toda a continuação de estudos no ensino básico e até mesmo no nível superior.

Esta constatação aliada às observações, conhecimentos adquiridos ao longo das pesquisas e oficinas realizadas desde os primeiros períodos acadêmicos e da experiência vivenciada no Estágio Supervisionado, suscitou a questionar a seguinte problemática: De que forma o uso das histórias em quadrinhos pode servir como ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem da leitura no contexto específico de uma turma de 3º ano do ensino fundamental em um Centro Educativo do município Parintins?

Este trabalho tem como objetivo geral mostrar a importância da utilização das HQs (histórias em quadrinhos) como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura. Para atingir o objetivo principal, três objetivos específicos foram propostos, como o de identificar as dificuldades de aprendizagem da leitura, desenvolver oficinas leituras e verificar as contribuições que o uso do gênero textual histórias em quadrinhos pode trazer para o trabalho em sala de aula. A pesquisa foi norteada pelas concepções qualitativas, pois a investigação se preocupou em obter os dados no ambiente natural dos sujeitos, a sala de aula, esclarecendo os fatos no seu contexto original (BOGDAN, BKILEN, 1994).

Para alcançar os objetivos propostos foram utilizados o método fenomenológico como método de abordagem e o estudo de caso como método de procedimento. Para obtenção dos dados foram utilizadas como técnicas de pesquisa a observação participante e questionários que foram dirigidos aos alunos e a professora.

No primeiro capítulo apresenta-se uma breve retrospectiva das origens das histórias em quadrinhos, sua expansão para América Latina chegando ao Brasil. Foi importante destacar os elementos do qual as histórias em quadrinhos são constituídas. Ramos (2016, p.14) afirma que “ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto no seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)”, a compreensão dessa rica linguagem se faz necessário. Assim, aborda-se também sobre a inserção dos quadrinhos na educação e a sua relação no processo de ensino e aprendizagem. Discute-se sobre a importância do uso das histórias em quadrinhos na aprendizagem dos discentes, enfatizando este uso a partir de um trabalho planejado e organizado do professor.

No terceiro capítulo é apresentada a análise de dados, onde descreve-se os resultados obtidos através dos questionários aplicados à docente e aos discentes, bem como as oficinas realizadas durante a pesquisa. Tais informações ajudaram a elucidar a problemática levantada a respeito das contribuições das histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura e possibilitaram confirmar o que outras pesquisas semelhantes apontam: as histórias em quadrinhos dinamizam as aulas e enriquecem as possibilidades de aprendizagem.

CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 AS ORIGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO

Nos primórdios da civilização humana, os povos rabiscavam nas paredes das cavernas. Naquela época, os seres humanos morriam cedo, as dificuldades de sobrevivência eram enormes. A linguagem era a gestual ou os sons de uma língua própria que servia de comunicação entre os membros do grupo. Já se utilizava através desses desenhos ancestrais uma forma de linguagem que se compara aos quadrinhos atuais. As figuras feitas pelos “homens da caverna” passaram a ser considerados como parte da história porque era relatado o dia a dia dos primitivos por meio de desenhos. De fato, as histórias em quadrinhos (HQs) remontam aos primórdios e continua presente, tornaram-se um grande veículo de comunicação e entretenimento em massa, no qual muitas pessoas independentemente da faixa etária gostam e consomem.

Sua história nos conta o quanto ela está inserida no estímulo à leitura e ao desenvolvimento de outras linguagens que vieram depois. Segundo Campos e Lomboglia (1985, p.10): “[...] entre as formas visuais criadas pela humanidade, nenhum gênero, do passado e do presente, ultrapassou em quantidade a produção das histórias em quadrinhos” ou HQs como são mais bem conhecidas pelos seus leitores. O trabalho de ilustrações de textos com desenhos ocorreu de forma significativa em alguns países europeus em meados do século XIX, porém os Estados Unidos é quem é considerado como berço das histórias em quadrinhos, estas que ganharam autonomia e expressão própria, “os comics”, tornando-se a principal fonte de venda dos jornais da época.

Conforme Campos, Lomboglia (1985, p.10): “[...] para um suplemento dominical, produz-se a primeira página colorida e o “Yellow Kid”. Criado por volta de 1895, “Yellow Kid” (o garoto amarelo) torna-se a principal atração do jornal New York World”, na verdade, era uma charge de um garoto de bairro periférico de Nova York que fazia crítica social da época. Os textos vinham estampados na roupa do personagem . (CAMPOS, 2013).

A criação “Yellow Kid” é considerada para muitos historiadores como a primeira HQs publicada no mundo todo. Por volta de 1920, os quadrinhos viraram

febre nos EUA e no mundo com publicações periódicas conhecidas como “comics”, chamadas de gibis no Brasil. A concorrência entre dois importantíssimos jornais e seus proprietários sem dúvidas foram os responsáveis pela ascensão das HQs: o New York Word e o Morning Journal, de Joseph Pulitzer e Willian Randolph Hearst, respectivamente. (LACHTERMACHER, MIGUEL, 1985).

Centenas de novos heróis e personagens de humor então surgiram. Já havia uma produção de desenhos animados, para onde alguns desses heróis migraram, demonstrando que vieram para ficar. Além deste, surgem os outros personagens-protagonistas de aventura, dentre eles Tarzan, Super-Homen todos carregando um viés ideológico. Nos quadrinhos, de um lado personagens bem-sucedidos, ricos e protetores, de outros aqueles humildes que seguem o caminho da verdade e da justiça.

Na ligação com as questões políticas, algo muito relevante pode servir de comparação. Durante a I e II Guerra Mundial, quando os Estados Unidos não tiveram participação direta, o país não produziu temas de guerras. as histórias em quadrinhos assim como outras manifestações artísticas possuem uma carga ideológica que influencia e contribui como meio de comunicação. Os americanos reivindicaram para si muitas coisas em relação as HQs, devido principalmente a criação dos “Syndicates”. As primeiras agências eram sediadas nos EUA.

A palavra “Syndicates” é assim definida por Furlan (1985, p.29):

A palavra “Syndicate”, nos moldes norte- americanos, não encontra similar em nosso contexto. Não se trata de um sindicato e ultrapassa as atribuições de uma associação. Podemos tratá-lo como agência especializada em fornecer matérias variadas, particularmente de entretenimento.

Os “Syndicates” possuíam direitos sobre as HQs, eram responsáveis pela distribuição e venda das histórias em quadrinhos não só no EUA, mas também em outros países, inclusive no Brasil. Para melhor organização criou-se um código onde neste não poderia infringir leis e valores estabelecidos na sociedade, principalmente os voltados à religião, raça ou política. Nada referente às HQs poderia acontecer sem a autorização dos “Syndicates”. (FURLAN,1985).

As histórias em quadrinhos não viveram somente momentos de glória. Dentre os motivos, citam-se as crises político-econômicas ocorridas durante a I e II Guerra Mundial, além da polêmica criação e lançamento do livro Sedução dos

Inocentes do psiquiatra alemão radicado nos Estados Unidos Frederic Wertham. Este livro traz um conteúdo de desconfiança e preconceito quanto à leitura dos quadrinhos. Baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos no seu consultório o Dr. Frederic Wertham condenava a leitura das HQs principalmente para principalmente as de temas de suspense e terror. (RAMA, VERGUEIRO, 2012).

Diante do impacto das denúncias uma rigorosa fiscalização na elaboração de todas as revistas de histórias em quadrinhos começou a ser cobrada por parte da sociedade, principalmente pelas editoras que produziam material pedagógicos e grupos religiosos. Segundo Vergueiro et al (2012, p.13): “[...] a *Comics Magazine Association of América* sentiu a necessidade de elaborar um código mais detalhado, que passou a vigorar para todas as revistas de histórias em quadrinhos [...]”, ou seja, cada Comics passou a receber um selo fixado na capa. Foi determinado um rigoroso procedimento tanto na construção do conteúdo e distribuição das HQs tudo em prol de uma tentativa de edificar sua comercialização.

As décadas de 50 e 60 são marcadas por momentos ainda bastante conturbadores no campo das histórias em quadrinhos devido à fase de atuação do movimento “underground” (no Brasil conhecida por marginal ou “udigrudi”). Furlan (1985, p.33), diz:

O movimento “underground” apareceu como protestos diante das políticas “overground” dos “Syndicates” estabelecidos. No entanto, ironicamente, em 1966 foi criado o Underground Press Syndicates, que a seu modo, também começou a ditar regras para a distribuição das HQs marginais [...]

Na década de 60 criaram “underground” devido muitos artistas se rebelaram contra as regras impostas pelos “Syndicates”, pois estes eram responsáveis desde direitos sobre os trabalhos dos desenhistas até a distribuição e venda das HQs. É possível entender a razão pela qual as HQs viraram sucesso no mundo todo, os norte-americanos sem sombra de dúvidas são os responsáveis por esse feito. A predominância das HQs norte-americanas chegara à América Latina entre meados do século XIV, influenciando produções significativas em países com México, Argentina e Brasil, dando destaque para produções nacionais de dois países, como a criação de Mafalda (Argentina) e a da Turma da Mônica (Brasil).

1.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHO NO BRASIL

O Brasil é considerado um dos pioneiros na criação da linguagem moderna dos quadrinhos, transformando essa manifestação artística gráfica-visual em HQs. Muitos cartunistas estrangeiros vieram para o país buscar reconhecimentos pelos trabalhos que já desenvolviam, foi o caso de Ângelo Agostini que segundo pesquisadores foi responsável por vários feitos. Silva Júnior (*apud* CAMPOS, 2013, p.32) ponderam: “O cartunista estudou desenho em Paris, mas foi no Brasil onde seu talento foi reconhecido ao realizar vários trabalhos até publicar na Revista *Vida Fluminense* 1869, a primeira história infantil de sua autoria, intitulada *As aventuras de Nhô Quim*”, essa publicação marca no país o dia do Quadrinho Brasileiro que é celebrado no 30 de janeiro. Ângelo Agostini dá continuação aos trabalhos e em 1905 lança a primeira revista em formato de quadrinhos que se tem notícia no país denominada O Tico-Tico.

Era uma publicação que trazia além de quadrinhos, textos diversos voltados ao público infantil. Com o passar do tempo e com a dedicação de vários cartunistas outros trabalhos foram surgindo. Lachtermacher e Miguel (1985, p.46) dizem que: “Em 1929, surgia uma outra manifestação na área dos quadrinhos no Brasil: a Gazeta Infantil ou Gazetinha, que em seu primeiro número trazia na página central uma aventura do gato Félix, de Pat Sullivan”, tornando efetivamente os quadrinhos populares nacionalmente, a partir da década de 1930.

Já nos meados da década de 30 um passo importante foi idealizado por Adolfo Aizen que começou seus trabalhos de forma independente sem a veiculação com um jornal e que acreditando no promissor ramo das HQs lança o Suplemento Juvenil, onde traz para o Brasil alguns heróis de quadrinhos norte-americanos muito famosos. O sucesso foi tão grande que mobilizou a concorrência para disputar o mercado consumidor. Em meados dos anos 40 apareceriam as primeiras revistas em quadrinhos com textos e desenhos de artistas nacionais que ainda de certa forma tinham influência dos modelos americanos.

A nacionalização da produção de quadrinho alavancaram na década de 1960 com a descoberta de autores brasileiros que faz sucesso até os dias atuais, entre eles Mauricio de Souza e Ziraldo. Os personagens de Mauricio de Souza (turma da Mônica) e Ziraldo (Menino Maluquinho), considerados ícones nacionais.

Assim Coelho (2000, p.219), nos conta um pouco da carreira do criador da turma da Mônica:

Atuante profissional como jornalista, Maurício de Sousa, em 1960, resolve lançar-se na grande aventura das histórias em quadrinhos. Em 1963, já dirigia uma pequena equipe de desenhistas, iniciava a criação de novos personagens No Diário da Noite: Chico Bento, Penadinho, Astronauta e Bola Bola. Esses, mais o Bidu, o Franjinha, o Cebolinha, o Piteco, a turma da mata...já existiam, quando em 1964, Maurício cria a principal figura de seu mundo infantil, Mônica. Daí para o sucesso total foi um passo [...]

A revista da Turma da Mônica conta diversos personagens, em destaque: Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão, Chico Bento, que em 1982, se transformaria num dos primeiros desenhos animados brasileiros. Os personagens, trazem uma representatividade popular, que visam mostrar acima de tudo as diferentes culturas do povo brasileiro, seu espírito alegre e comunicativo. Outra grande figura no cenário dos quadrinhos no país foi o cartunista Ziraldo.

Entre todos os personagens criados pelo cartunista Ziraldo, o mais clamado pelo público é o Menino Maluquinho que foi criado por volta de 1980 fez sucesso o cinema e na TV. São tantos os autores e produções de quadrinhos brasileiros. Muitos professores já utilizam livros e gibis desses grandes artistas para ajudar na alfabetização das crianças nas salas de aula.

1.3 A LEITURA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO: ENTRE A LINGUAGEM VISUAL E VERBAL.

Desde o século XIX com a modernização dos meios de produção e a propagação da cultura do consumismo, a imagem adquire uma amplitude maior de significados na medida em que é usada não apenas para ilustrar uma realidade, mas para usar uma linguagem capaz de suggestionar, criar interpretações diferentes e até mesmo emocionar. Hoje isso é mais evidente ainda, basta assistir um comercial da propaganda de um produto pela TV ou olhar para um outdoor.

Dessa forma, Borges (2001) afirma que a técnica narrativa vem ganhando evidência ao unir imagens ao texto, algo que é característico e intrínseco aos quadrinhos. Na narrativa dos quadrinhos, há uso de imagens e palavras além de uma gama de recursos que foram sendo criados na evolução dessa técnica que

proporcionam uma leitura diversificada em que interagem e se articulam a linguagem visual e verbal. Nesse sentido Vergueiro et al (2012, p.31) traz a seguinte compreensão:

[...] as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantido que a mensagem seja entendida em plenitude.

Desta forma, pode-se dizer que os quadrinhos ao unir elementos visuais e verbais constituem uma forma de linguagem própria que potencializa as possibilidades de como uma mensagem pode ser encaminhada bem como diversifica as múltiplas interpretações que o destinatário pode obter no processo da leitura.

Alia-se a tudo isso o poder de agregar em si outras manifestações como a literatura e o cinema, do qual guardam entre si ligações ou até mesmo semelhanças. Entretanto, os quadrinhos como afirma Ramos (2016) possuem uma identidade peculiar que lhes difere dessas outras na medida em que cria a partir dessa interação entre linguagem verbal e visual uma linguagem autônoma capaz de usar mecanismos próprios para expressar os elementos narrativos.

Pode-se definir histórias em quadrinhos como narrativas quadro a quadro que se utilizam de desenhos e textos, em geral usando o discurso direto, que tenta se aproximar dos diálogos da língua falada. Esta por sua vez, possui diversas características que não podem ser reproduzidas fielmente na escrita, daí as criações dentro das histórias em quadrinhos de diversas técnicas que lhe serão próprias para expressar as diversas situações na narrativa como emoções, pensamentos, ruídos, alterações na voz, etc.

A respeito da narrativa nos quadrinhos Ramos (2016, p.18) afirma que:

O espaço da ação é contido no interior de um quadrinho. O tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em uma única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões, que simulam o discurso direto.

Dessa forma, a linguagem dos quadrinhos é repleta de convenções criadas para, através dos códigos visuais e verbais, descrever os fatos do enredo narrativo. Estas convenções devem ser explicitadas para que a linguagem dos quadrinhos seja bem compreendida em toda sua potencialidade, dentre estas podemos citar: balão, onomatopéia, quadrinho ou vinheta, cores, metáforas visuais, linhas cinéticas, legenda e os diferentes valores expressivos da letra e dos contornos dos quadrinhos. (VERGUEIRO, 2012).

Os balões são recursos gráficos que servem para representar a fala ou pensamento dos personagens entre si ou consigo mesmo. São envoltos em uma linha de contorno, que pode, dependendo da circunstância narrativa, indicar outras conotações como pensamento dos personagens, ideias, gritos ou falas carregadas de expressividades emotivas denotando sentimentos como raiva, amor, etc. (RAMOS, 2016).

Figura 1: Alguns tipos de balões



Fonte: <http://www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>

As onomatopéias são criações da língua falada e escrita que permitem representar um som de acordo com o idioma utilizado e que adquiriram um repertório vasto de expressividade gráfica que colaboram para os efeitos plásticos e a linguagem própria nos quadrinhos.

Figura 2: Onomatopéias



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/>

O quadrinho ou vinheta contém os elementos visuais, escritos e artísticos que compõem a narrativa do enredo. A sequência dos quadrinhos é que constrói a ação e a compreensão da história que está sendo contada. De acordo com Ramos (2016) a forma mais comum do quadrinho é a retangular, mas pode variar de acordo com as intenções artísticas do autor ou do contexto do fato narrado, podendo assumir outros contornos menos convencionais como os circulares, ondulados ou até mesmo dependendo da liberdade do autor não possuir nenhuma forma ou contorno.

Figura 3: Vinhetas diferenciadas em quadrinho do personagem The Flash



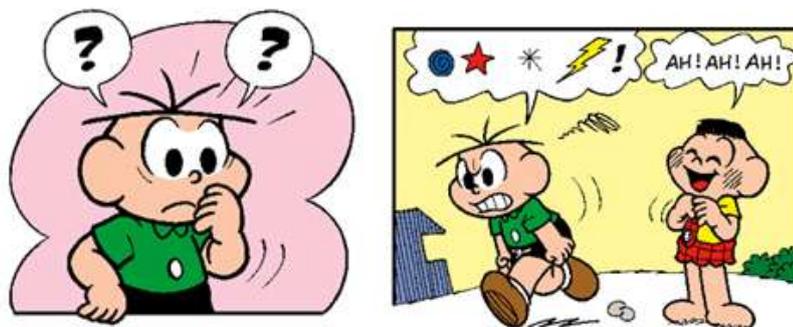
Fonte: <https://vovonerd.com.br/>

Ramos (2016) afirma que a cor nos quadrinhos assim como todos os demais recursos gráficos são capazes de transmitir uma série de informações, visto que, cenários, personagens assim como sentimentos ou até mesmo a figuração cinética de indicação de movimentos podem ser representados pelo uso das cores e

suas diferentes tonalidades. Apesar da multiplicidade de representações, as cores ainda são um recurso pouco aprofundado enquanto estudo nessa linguagem.

Já as metáforas visuais são símbolos usados para dar ênfase em determinados fatos narrados como ideias ou sentimentos. Elas permitem reforçar o conteúdo verbal além de possibilitar ao leitor uma compreensão mais rápida da situação descrita na vinheta. (VERGUEIRO, 2012).

Figura 4: Metáforas visuais em quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/>

Por sua vez, as linhas ou figuras cinéticas são técnicas empregadas pelos desenhistas de HQ que usam “[...] figuras cinéticas, em que traços, linhas e repetições de imagens servem para representar deslocamentos, oscilações e impactos” (Vergueiro ET AL, p.54, 2012).

Figura 5: Linhas Cinéticas em quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/>

As legendas constituem outro recurso da linguagem dos quadrinhos que serve, basicamente, para representar a fala do narrador onisciente ou do narrador-personagem. Distingue-se das falas dos balões, pois vem em geral no canto superior da vinheta, sem forma definida e antes das falas dos personagens. (RAMOS, 2016)

Figura 6: Legendas



Fonte: Fonte: <http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br>

Assim como as cores e os contornos dos balões, Ramos (2016) afirma que as letras (tipografia) podem transmitir várias informações. Excetuando o modelo tradicional de letra usada nos balões, em cor preta, sem negrito e de forma sequencial, qualquer formato de letra diferente desse padrão irá indicar alguma expressividade peculiar da história, como gritos, ênfase na voz dos personagens, velocidade de fala, caracterização dos personagens, etc.

Figura 7: Letras como recurso visual



Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/turma.htm>

Todos os recursos mencionados anteriormente, os mais notáveis, que caracterizam a linguagem própria dos quadrinhos são importantes para que o leitor possa entrar nesse universo rico em palavras e imagens que se conectam para construir belíssimas narrativas que, em certos contextos, podem trazer não apenas entretenimento mas também conhecimentos.

1.4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA.

A inclusão das HQs em sala de aula começou com pouca aceitação, pois havia certo receio de utilizar um material que se demonstrava com inadequado para ajudar no trabalho em sala de aula, na aprendizagem das crianças e jovens. Entretanto pouco a pouco elas foram ganhando destaque e reconhecimento. Eram utilizadas em livros didáticos, em forma de tirinhas para ilustrar alguns conteúdos das matérias. Com os resultados cada vez mais positivos com seu uso, passaram a ser incluídas com mais frequência na escola, pois além de apresentar vários gêneros, oferece inúmeras possibilidades como ferramenta didática.

Em muitos países estrangeiros os órgãos governamentais da área da educação passaram a reconhecer a importância das histórias em quadrinhos e as inseriram no currículo escolar. Isso também ocorreu no nosso país, onde foram reconhecidas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), pelo Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e são distribuídas junto a outras obras ao Ensino Fundamental e Médio pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). (RAMOS, 2016). Esse reconhecimento levou obrigatoriamente a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

A presença dos quadrinhos (tiras, charges e gibis) e outros gêneros no ambiente escolar incentivada pelo governo federal têm gerados novos desafios aos professores e trazido à tona uma adiada necessidade de se compreender melhor essa linguagem e os vários modos de produção das histórias quadrinhos.

O início de uma mudança mais significativa veio com a LDB, promulgada em 20 de dezembro de 1996. O texto já apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens abrindo portas não só para os quadrinhos, mas também para outras manifestações artísticas como rege o artigo 36º parágrafo 1º inciso II da Lei nº 9.394/96. (VERGUEIRO, RAMOS 2015). Sendo que em 2017 passou a fazer parte do artigo 35-A parágrafo 8º inciso II pela lei nº 13.415/17, como segue:

§ 8º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação processual e formativa serão organizadas nas redes de ensino por meio de atividades teóricas e práticas, provas orais e escritas, seminários, projetos e atividades on-line, de tal forma que ao final do

ensino médio o educando demonstre:II – Conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”. (BRASIL, 2017).

A menção feita às formas contemporâneas de linguagem evidencia a grande relevância que estas adquiriram, pois implica que o educando seja capaz de entender as várias formas de linguagem, ou seja, demonstre domínio dessa competência. Já em 1997 com a elaboração dos PCNs foram realizadas recomendações na área de Artes e Língua Portuguesa para o uso variados gêneros abrindo portas para as histórias em quadrinhos no contexto escolar. Como as história em quadrinhos estão inseridas em um grupo bastante peculiar, onde estão incluídos outros gêneros textuais com as tiras, charges e cartuns se faz importante destaca existe uma diferenciação das HQs para com os demais gêneros. O que seria histórias em quadrinhos? Seria uma tirinha que envolve mais personagens, mais conflitos, mais situações.

Os parâmetros da área de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental para o 5ª ao 8º mencionam:

No caso do ensino fundamental, existe referência específica à charge e à leitura crítica que esse gênero demanda (2008:38,54). O mesmo texto menciona igualmente as tiras como um dos gêneros a serem usados em sala de aula (2008:54). Neste sentido, uma das propostas dos PCN de Língua Portuguesa é que o conteúdo seja transmitido por meio de gêneros, conceito até então desconhecido pela maior parte dos docentes. (Vergueiro, Ramos, p.10,11, 2015).

É importante salientar que a presença dos gêneros textuais no texto dos parâmetros teve influência dos estudos de Mikhail Bakhtin, para este autor os chamados por “gêneros dos discursos” são formas de enunciados que as pessoas produzem e utilizam com meios interativos de comunicação. (RAMOS, VERGUEIRO, 2015). A utilização dos gêneros discursivos através das práticas de leituras, escrita e oralidade permitem o aprimoramento da competência lingüística do aluno. Assim o uso do gênero HQs é recomendado para o contexto da sala de aula, podendo até ser trabalhado de forma interdisciplinar devido suas inúmeras possibilidades como material pedagógico.

Ainda buscando contemplar as propostas do PCNs, foi criado em 1997 o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) com o objetivo de permitir aos estudantes o acesso à cultura, a informação e o incentivo à leitura. Neste programa

do governo federal os quadrinhos estão assegurados dentre os materiais disponíveis pelo programa. Um acervo de obras em quadrinhos foi selecionado, embora em quantidade bem inferior os outros livros (RAMOS, VERGUEIRO, 2015). Assim o uso do gênero HQs é recomendado para o contexto da sala de aula, podendo até ser trabalhado de forma interdisciplinar devido suas inúmeras possibilidades como material pedagógico.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) faz a inserção dos quadrinhos nos textos de alguns componentes curriculares, busca-se destacar os textos da Área de Linguagens para Língua Portuguesa do 1º ao 5º do Ensino Fundamental. O texto refere-se da seguinte maneira:

PRATICAS DE LINGUAGEN: CAMPO ARTÍSTICO-LITÉRARIO – Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e lingüísticas, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fabulas, contos, crônicas, canção, poema, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tiras, charges/cartum, dentre outros. (BRASIL,2014).

As histórias em quadrinhos ganham destaque com conteúdo a ser trabalho principalmente na disciplina de língua portuguesa. Por sua vez, esse pode ser considerado o ponto de partida para se explorar as HQs como ferramenta didática.

Uma análise dos documentos que norteiam a Educação nos países permite identificar que seus textos trazem a prática de gêneros textuais onde a BNCC vem dando destaque para os quadrinhos, entretanto com base nas bibliografias de diferentes autores, para quem os quadrinhos já teriam se emancipado, e se constituído como linguagem autônoma, percebe-se ainda o desafio de compreender sua linguagem e até mesmo explorar adequadamente suas possibilidades.

É importante apontar dois traços conceitualmente distintos que permeiam dois dos principais documentos da esfera educacional, a saber: os Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O primeiro denota referência, ou seja, aquilo que pode ou não ser consultado, seguir com orientação. Já o segundo trata-se de um documento normativo, pois tem força de lei. Deste modo as histórias em quadrinhos, que por muito tempo foram rejeitadas, hoje fazem parte do currículo escolar. Todas essas iniciativas colocaram

as HQs para dentro da sala de aula para serem utilizadas no processo de ensino e aprendizagem.

O professor precisa saber como ocorre o processo de aprendizagem, pois esta é uma condição fundamental para que possa adaptar as atividades à sua realidade de sala, ou ainda melhor, às necessidades de seus alunos. Nesse sentido Weisz (2004, p.65) salienta “[...] não é processo de aprendizagem que deve se adaptar ao ensino, mas o processo de ensino que tem que se adaptar ao de aprendizagem”, ou seja, o ensino necessita dialogar com a aprendizagem. Por muito tempo pensou-se que, ao nascerem, as crianças eram como folhas em branco, mas devido a realização de várias pesquisas essa ideia foi se reconfigurando, e hoje podemos afirmar que desde quando nascemos já começamos a aprender para satisfazer nossas necessidades. (BRANSFORD, 2007). A aprendizagem é um processo de construção, sendo que essa construção será potencializada pela qualidade de experiências vivenciadas. É junto ao seio familiar que a criança constrói seus primeiros esquemas de assimilação do mundo onde ela está inserida e por volta dos seus três anos de idade ela é conduzida a escola.

A escola como lugar propício, deve favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento pleno de seus alunos. É fundamental motivá-los a querer aprender, e isso só se torna possível como a ajuda de alguns envolvidos nesse processo como os pais e professores. Os professores devem conduzi-los para que possam construir novos conhecimentos a partir daquilo que já sabem criando possibilidades para superar situações problemas e assimilarem os conteúdos de forma mais significativa. Ensinar é um ato de amor e paciência que deve ser exercitado em um ambiente sadio, onde não se deve adotar uma postura permissiva, e nem autoritária. Agir dessa maneira sem dúvida é ser alguém que tem consciência de seu papel com educador. Dialoga-se com Weisz (2004, p. 16) que argumenta:

Cada vez mais a concepção que se tem do ato de ensinar desenha o perfil de um professor que reflete enquanto age, pode tomar decisões, mudar rapidamente o rumo de sua ação, interpretar as respostas que os alunos dão, autocorriger-se. O entendimento que se tem de um professor hoje é o de alguém com condições de ser sujeito de sua ação profissional [...].

Nesta perspectiva o ato de ensinar deve ser reflexivo possibilitando tomadas de decisões corretas diante das respostas dadas pelos alunos. Um profissional não pode organizar sua prática sem ao menos refletir sobre ela. Ao adentrar na escola a criança já traz consigo uma bagagem de conhecimento, que servem com ancoras para apropriação do saber sistematizado, ou seja, de tudo aquilo que o homem produziu historicamente e que é função da escola ensinar.

É o professor que precisa conhecer o caminho que seu aluno está percorrendo, por isso ele deve atuar como mediador na construção do conhecimento e somente intervir quando necessário. Tudo isso fará que o aluno avance do nível de conhecimento que já conquistou para outro mais evoluído.

A escola acaba sendo vista como um lugar exclusivo para o ensino de varias aptidões. Dentre estas competências a serem trabalhadas em sala de aula está à leitura que como qualquer outra aprendizagem ocorre de forma gradativa. Não há uma faixa etária propícia para sua aquisição, pois cada indivíduo segue um percurso e um ritmo.

A leitura como alfabetização pode ser vista e entendida em vários sentidos. D'olim Marote e D'olim Marrote Ferro (2003, p. 48) traçam algumas concepções de leitura:

1. Atribuição de sentido e 2. Concepção, conceito e idéia, correspondem a uma leitura no sentido amplo, enquanto 3. Construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto e 4. Ato de decodificação de signos linguísticos, compreende com leitura no sentido restrito.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que na maioria das escolas a leitura é trabalhada rotineiramente no sentido restrito, onde geralmente a preocupação está apenas voltada para o ensino da decodificação de signos lingüísticos. Sabe-se que mesmo antes do ingresso na escola as crianças já fazem uma leitura do mundo, dando sentido para as coisas que as rodeiam seja em casa ou em outros lugares que costuma freqüentar com a família.

Um exemplo é quando ela ouve uma música, manuseia um livro, assistir televisão ou ao observar as várias embalagens de alimentos que estão a sua disposição, ou seja, as crianças já tiveram experiências de leituras, elas já possuem vários conhecimentos das coisas que a circunda. Daí a importância de o

professor/mediador partir dessas narrativas, da leitura incidental vivenciada no cotidiano, pois sem dúvidas estas serão suportes para que seus alunos possam ter sucesso na aquisição da leitura não somente no sentido restrito, mas amplo.

Trabalhar a leitura no sentido amplo é trabalhar uma leitura onde a criança seja capaz não só de ler mecanicamente uma letra, uma palavra, uma frase ou um texto, mas capaz de se reconhecer na própria leitura, pois ela se entrelaça com as vivências das pessoas. Antes de tudo, ler é dar sentido.

Ensinar a ler e escrever não é uma tarefa fácil, por esse motivo também é importante que desde cedo se possa constituir uma introdução ferrenha da literatura infantil no cotidiano escolar das crianças. (SORIANO *apud* COELHO, 2000, p.31) traça uma peculiaridade da literatura infantil.

[...] Ela pode não querer ensinar, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem e mais especialmente da aprendizagem linguística. O livro em questão, por mais simplificado e gratuito que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem codificada que ele deve decodificar se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra.

Partindo desse pressuposto, afirma-se que a infância é uma idade que é a da aprendizagem, toda mensagem que a ela se destina durante esse processo, transmite conhecimento. Daí a importância do pré-leitor (crianças entre faixa etária dos 15/17 meses aos três anos) ter contato com o mundo literário para o incentivo e o hábito da leitura o que antecede a formação de sua alfabetização. (COELHO, 2000).

A respeito da Educação Infantil Farias (2004, p.22) reforça “[...] a iniciação literária deve ocorrer desde a pré-escola, à importância dos livros com imagem, com ou sem texto escrito no trabalho com a narrativa podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação”. Introduzir, portanto, a leitura de histórias na rotina escolar das crianças pequenas, é pensar que essa atividade fará toda diferença para seu desempenho nas séries posteriores, ajudando a aumentar suas competências linguísticas e conseqüentemente sua produção oral e escrita. É preciso superar, contudo, a idéia da prática da leitura em sala de aula como algo somente para cumprir muitas vezes uma função ritualística. Ensinar a ler e escrever não deve ser somente munir os alunos com cartelas de letras e jogos do

silabário, pois tudo isso faz parecer para as crianças que ler é um fardo pesado que elas têm por obrigação carregar. Em suma, que aprender a ler é algo chato e não prazeroso.

Nesse sentido a introdução de vários gêneros textuais é importantíssima para a formação de leitores e escritores autônomos. Dentre esses gêneros, está as HQs que através de histórias reais ou não podem também ser um valioso recurso pedagógico para ser utilizado em sala de aula. As historinhas em quadrinhos podem ser trabalhadas através de variados gêneros (tiras, charges e chegar aos resultados esperados diante sua utilização. Para chegar aos resultados esperados diante sua utilização o primeiro passo é definir precisamente o objetivo do ensino com o uso das histórias em sala de aula. A gama de possibilidades que esse recurso pedagógico disponibiliza vai muito além para o incentivo.

É indispensável que o professor se familiarize como o gênero, pois esta é a chave para, elas pode ser utilizadas de diversas maneiras como, para levantar assunto de discussão ou até mesmo à criação de histórias em quadrinhos dentro de algum assunto abordado em sala de aula, o que pode ser feito em qualquer disciplina, mas cabe ressaltar que existem critérios norteadores para sua utilização.

Sengundo Vergueiro (2012) quando o professor planejar e desenvolve atividades utilizando as HQs como ferramenta didática na escola, seja qual for a disciplina, ele deve estabelecer estratégias adequada às necessidade específicas respeitando às características de faixa etária de seus alunos.

CAPITULO II – PERCURSO METODOLÓGICO

O conteúdo deste trabalho foi produto de uma pesquisa de **natureza qualitativa**, com a qual se procurou desenvolver e fundamentar a investigação a respeito da utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo de ensino aprendizagem da leitura no Ensino Fundamental.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a pesquisa de natureza qualitativa norteará a investigação visto que a ênfase no processo se deu no contexto original dos fatos pesquisados de onde foram obtidos os dados para explicá-los no ambiente natural dos sujeitos. Nesse caso, a sala de aula. Assim sendo, investigaram-se os sujeitos e relações da temática da pesquisa diretamente onde eles interagem, buscando descrevê-los e interpretá-los de maneira fidedigna.

Como o que se propôs foi aborda o tema como o cuidado de estudá-lo em todas em suas dimensões, o **método de abordagem** que norteou a pesquisa foi o **fenomenológico**, por se preocupar com as percepções, valores e intuições dos alunos e professores referentes à utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura (TRIVIÑOS, 2015). Além do mais para (BOGDAN *apud* TRIVIÑOS, 2008, p.128).

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso não é vazia, mas coerente, lógica e consistente.

Dessa forma para mostrar as histórias em quadrinhos como suporte didático no contexto da aprendizagem da leitura numa sala de aula com crianças na faixa etária de 8 a 9 ano de idade faz-se uso, sobretudo da ótica fenomenológica ao adotar um enfoque descritivo, fiel às especificidades do contexto da sala de aula e as relações existentes entre os sujeitos (aluno e professor). A noção de quantidade não será evidenciada, visto que a ênfase estará no processo, no fenômeno da aprendizagem e das relações que o permeiam no cotidiano da sala, sempre à luz da interpretação do pesquisador, portanto subjetiva, contudo crítica e fundamentada

nas percepções indutivas do fenômeno bem como no estudo da teoria concernente a temática dos quadrinhos e de sua relação didática na aprendizagem.

Partindo desse pressuposto Gil (2008, p.34) também salienta que:

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas [...]. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado .

Vale ressaltar que as observações realizadas durante o Estágio Supervisionado e pesquisas de campo para algumas disciplinas foram primordiais para manter esse contato direto com os sujeitos da pesquisa de modo a compreender a sua rotina no ambiente escolar face à temática do processo de ensino-aprendizagem da leitura que serviram de fundamentos para os resultados desta pesquisa relativa às histórias em quadrinhos, além de justificar o emprego da perspectiva fenomenológica desde o início do trabalho.

Considerando que os **sujeitos** ouvidos e observados durante a investigação foram escolhidos pelo pesquisador, conforme critérios visando alcançar os objetivos da pesquisa, mesmo porque o trabalho realizado com criança requer prudência no processo de investigação. Segundo Kramer (2002, p.53): “[...] é necessário que assim seja mais uma vez para proteger as crianças, para evitar que suas imagens sejam exploradas, mal-usadas”, por esse motivo no início do percurso metodológico foi entregue o documento de autorização que permitisse a realização da pesquisa (Anexo1), bem como o modelo de termo de consentimento para os pais/responsáveis das crianças (Anexo2), pois é ético, evita certas situações durante/depois da pesquisa. A fim de resguardar a identidade dos sujeitos, e por uma questão de ética, colocamos nomes fictícios para os alunos e a professora.

Optou-se por uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental da escola selecionada. A professora da turma integra o quadro de professores do educandário e na análise dos resultados será chamada ficticiamente de Diana.

A pesquisa contou como vinte e quatro alunos que estão entre a faixa etária de oito a nove anos de idade e em sua maioria pertencem a famílias de baixa renda, moradores do bairro onde fica localizada a escola.

Foi utilizado o **estudo de caso** como **procedimento metodológico**, pois como bem afirma Severino esta é uma técnica “que se concentra no estudo de um

caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo” (2007, p. 121). A amostra da realidade selecionada constitui, no estudo de caso, uma unidade importante em relação ao todo. Por isso, as ponderações e significados alcançados nesse procedimento metodológico se mostram satisfatórios além de que, permitem descrever um fragmento do mundo real com todos os seus aspectos que se relacionam (CHIZZOTTI, 2006).

A utilização deste procedimento ajudou atingir os objetivos específicos propostos da pesquisa que relacionam desde dificuldades de leitura, passando pela utilização das histórias em quadrinhos através de oficinas bem como as contribuições destas como ferramentas didáticas em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Como a ênfase desse trabalho está nas relações existentes entre professor e alunos no ambiente escolar objetivando descrever os aspectos pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem da leitura, a partir do uso das histórias em quadrinhos. Selecionaram-se diferentes **técnicas de pesquisa** adequadas ao contexto fenomenológico e qualitativo da pesquisa que permitissem compreender as informações obtidas. Fonseca (2008) afirma que o importante é adequar as técnicas disponíveis às características da pesquisa, sempre tendo em vista que a escolha bem feita dos dados levantados é fundamental para seu desenvolvimento, por isso tornou-se indispensável trabalhar com às **técnicas da documentação indireta e documentação direta**.

O primeiro passo foi utilizar a **documentação indireta** como técnica de investigação, pois proporcionou a obtenção de inúmeras informações a respeito da temática da pesquisa. Marconi e Lakatos (1990) orientam que esta pode ser feita de duas maneiras: através da pesquisa documental e bibliográfica, que são denominadas como fontes primárias e secundárias, respectivamente. Como fontes primárias foram consultados documentos oficiais que norteiam a esfera educacional, como a LDB, PCNS e BNCC. Já como fontes secundárias, buscou-se embasamento em literaturas, cujos autores são referência no assunto investigado.

Além da documentação indireta, foram selecionados alguns instrumentos da **documentação direta**. Segundo Andrade (*apud* FONSECA, 2008 p.10) “[...] a documentação direta abrange a observação direta intensiva e a observação direta

extensiva”, adotou-se estas técnicas, já que as mesmas trabalham diretamente no ambiente onde são investigados os fenômenos. Para a obtenção de informações/conhecimentos sobre o fenômeno estudado, foi aplicada a observação direta intensiva, com a **observação participante** e ainda a observação direta extensiva onde se utilizou **questionários** também com finalidade de coletar dados.

Como um dos objetivos específicos propostos foi identificar quais os principais dificuldades que interferem no processo de ensino e aprendizagem da leitura levando-se em consideração os aspectos metodológicos e didáticos da atuação da professora, houve a necessidade de estabelecer uma relação direta com os sujeitos da pesquisa e foi através da **observação participante**, que se pode obter importantes informações. Para Chizzotti (2010, p.90) “A observação direta ou participante é obtida por meio do contato do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural”. Assim, como participante dos acontecimentos o pesquisador observar e anotar o comportamento e as atividades dos membros da situação investigada no caderno de campo.

Dessa maneira para melhor compreensão da análise dos resultados foram aplicados **questionários** com perguntas abertas para os investigados, referentes à temática da pesquisa. Para Marconi e Lakatos (2008) o questionário é uma técnica de pesquisa sistematizada que objetiva coletar dados respondidos por escrito e que não necessita da presença do pesquisador. Esta técnica trouxe vantagens para a pesquisa porque economizou tempo e foi útil na obtenção de inúmeras informações. A abordagem através dessa técnica permitiu verificar as opiniões e conhecimentos intuitivos dos sujeitos a respeito da utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta didática em sala de aula.

Para a efetivação da pesquisa, foi importante conhecer o histórico da escola e sua relação com a comunidade no qual está inserida. O **cenário investigado** é uma escola que está situada em um bairro periférico do município. O bairro é resultado de uma “ocupação” que aconteceu na década 90, os moradores em sua maioria são pessoas de baixo poder aquisitivo subsistindo principalmente de serviços autônomos como: tricicleiro, pedreiro, mototáxi, empregada doméstica dentre outros. Outra fonte de renda que auxilia estas famílias são os programas do governo federal como Bolsa-Família e benefícios do INSS.

Devido à negligência da não efetivação dos direitos, graves problemas sociais como a fome, conflitos familiares, violência das mais variadas formas, desemprego, falta de moradia digna, têm assolado essas pessoas menos favorecidas. Nesse sentido como forma de dar assistência, desde a origem do bairro, movimentos filantrópicos desenvolvem trabalhos sócio-educativos como forma de amenizar problemáticas sofridas por essas pessoas. Dentre as assistências estava o resgate das crianças, filhos dos moradores das ruas, pois muitos nem ao menos frequentavam a escola encontrando-se em estado de vulnerabilidade social.

Assim através desses movimentos, em 1999 deu-se o início da construção do educandário, o mesmo passou a funcionar no dia 02 de janeiro ano de 2000, desenvolvendo doze (12) tipos de oficinas que contribuem como formação precedente para perspectivas futuras na vida adulta. Atualmente possui uma estrutura física que comporta 06 salas de aula, 01 diretoria/secretaria, 01refeitório, 01quadra poliesportiva além de um anexo que contempla seis salas onde são desenvolvidas varias oficinas. Esse atendimento contemplar 530 alunos entre crianças e adolescentes dando assistência na área da Educação/Atendimento Social.

A escola atende os primeiros anos da Educação Básica: a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, no horário matutino e vespertino. Esses alunos são cadastrados no contra turno escolar, tendo como atividade: reforço escolar (de acordo com as necessidades e dificuldades das crianças), oficinas de: pintura em tecido, pintura em tela, crochê, macramê, entalho em madeira, corte/costura, desenho, teatro. Os recursos para sua manutenção são obtidos através da Diocese em parcerias por meio de Projetos no exterior (ABC Solidarietà) e Prefeitura Municipal de Parintins.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 O MODO DE VER E PENSAR AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.

A função deste capítulo é analisar as informações que foram coletadas através de questionários aplicados e das oficinas de leitura desenvolvidas junto aos sujeitos da pesquisa. Para mostrar a importância das histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura foi pertinente percorrer um trajeto no qual acreditou ser determinante para o alcance dos objetivos propostos. Primeiramente analisaram-se as respostas do questionário (Apêndice 1) aplicado junto à professora, que é graduada em licenciatura plena em Ciências e Biologia e têm vinte e quatro anos de tempo de serviço.

O questionário teve como objetivo verificar o conhecimento da mesma a respeito das histórias em quadrinhos e traçar um perfil daquilo que ela considera importante destacar em relação às adversidades e benefícios obtidos pela experiência no processo de ensino e aprendizagem da leitura. A primeira resposta dada pela professora é transcrita na tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Pergunta 1:

<i>Você pode enumerar algumas características específicas da linguagem das histórias em quadrinhos?</i>	
Diana	Os gibis são um tipo de leitura super interessante para trabalhar no processo de alfabetização, pois apresenta leitura fácil e divertida com bastantes ilustrações e sons que traduzem as emoções dos personagens.

Fonte: Ribeiro 2018

Foi destacado pela professora que o uso dessa ferramenta didática possibilita uma aula mais divertida. Através dos exemplos que citou observa-se que de forma intuitiva ela consegue conceituar a linguagem dos quadrinhos identificando alguns dos seus principais elementos. Ramos (2016, pg.14) afirma que “ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto no seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)”, é preciso que o professor domine essa rica linguagem de tal maneira que possa incorporá-la adequadamente no seu fazer pedagógico. Sua inclusão no âmbito educacional foi concretizada a partir de sua inserção nas propostas de importantes documentos oficiais, como os PCNs e BNCC e a BNCC

Desse modo a docente foi questionada da seguinte maneira:

Tabela 2 - Pergunta 2:

<i>Qual a aplicabilidade das HQs (histórias em quadrinhos) no ensino em sala de aula? Em que momentos você acha que elas poderiam ser utilizadas?</i>	
Diana	Nos momentos de leitura, principalmente no início da alfabetização, a criança se encanta com os textos, ilustrações e personagens.

Fonte: Ribeiro,2018

Não diferente de outros contextos similares percebe-se na resposta dada pela docente na tabela 2, uma grande preocupação com o processo de alfabetização dos sujeitos investigados. A Turma tem à sua disposição uma caixa onde estão contidos vários livros, em sua grande maioria, livros literários. Sempre quando possível, a professora começa a aula com a leitura de uma história e dentre as preferidas das crianças estão às lendas e mitos sobre a região.

O estudo sobre a temática da pesquisa já estava sendo realizada quando se iniciara o Estágio Supervisionado II, onde foi possível já manter um contato com a turma com investigada. Durante esse período foi possível observar que a professora da sala já utilizava os quadrinhos esporadicamente, motivo que influenciou na escolha do objeto de pesquisa, mas em outras turmas do referido educandário, constatou-se a pouca utilização dos quadrinhos em sala de aula por parte dos demais professores. Mediante essa constatação foi pertinente verificar os verdadeiros motivos da não utilização dos quadrinhos. A pergunta segue na tabela 3.

Tabela 3 - Pergunta 3:

<i>Os professores da escola, onde você trabalha, costumam utilizar as histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula? Quais gêneros, além das tiras e charges presentes nos livros didáticos os professores conseguem utilizar em suas aulas? Cite exemplos:</i>	
Diana	Não muito porque, este gênero textual, quase não o encontramos nos livros disponíveis na escola. Geralmente trabalhamos com o que aparece nos livros didáticos. Além dos gibis dos super heróis que os alunos têm e chegam até na sala de aula.

Fonte: Ribeiro,2018

Para uma análise mais consistente da resposta dada pela professora é importante ressaltar que as HQs sofreram por muito tempo resistência para sua utilização como recurso didático por parte da escola. Estas eram vistas como um material inapropriado que não apresentava efeitos positivos diante a aprendizagem

dos alunos. Aos poucos elas foram ganhando credibilidade, sendo inseridas não somente nos livros didáticos, mas também em material que estão disponibilizados em coleções que fazem parte do PNBE. Segundo Silva (1987, p.59):

As historinhas em quadrinhos foram introduzidas nos livros didáticos com recurso adicional a aprendizagem passaram a ser um instrumento de ensino para os adultos e, principalmente, para crianças. E tratam de assuntos os mais diversos, como Matemática, Comunicação e Expressão, Ciências, Físicas, Biologia, Histórias [...] temas de interesse da escola.

Através de seus variados gêneros as historinhas em quadrinhos foram introduzidas nos livros didáticos. Uma aposta que deu certo para abordar temas e trabalhar conteúdos de forma mais atrativa. Na sala investigada, os únicos livros disponíveis são das disciplinas de português e matemática, no qual nos dois estão presentes os quadrinhos.

A professora ainda relatou que o trabalho utilizando as HQs é realizado com o que se encontra nos livros disponíveis para a turma. Ela ainda afirma “*Além dos gibis dos super heróis que os alunos têm e chegam até na sala de aula*”, durante a pesquisa notou-se que alguns alunos levavam em suas mochilas *gibis* de super heróis dos quais eles disponibilizam até algumas coleções. Para sua utilização faz-se necessário que o professor conheça sua natureza. Segundo Vergueiro (2004, p.29):

[...] na utilização de quadrinhos no ensino, é importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os discursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos e seus principais representantes e característicos como meio de comunicação em massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; em fim conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis.

Para que o professor obtenha bons resultados, há uma necessidade de se apropriar dos conhecimentos específicos que essa linguagem (HQs) é constituída, além de conhecer razoavelmente seu processo histórico só assim poderá perceber tudo o que pode ser explorado através do gênero. Vergueiro et al (2012,p.29) ainda salienta: “[...] ao dominar adquadamente todos esses elementos, qualquer professor

estará apto a incorporar os quadrinho de forma positiva em seu processo didático” é bem verdade que usar as HQs como ferramenta didática aliada a uma metodologia que ajude o aluno a superar as dificuldades de aprendizagem, sem dúvida é uma proposta que trará resultados positivos. Quando se fala em dificuldades de aprendizagem é inevitável não considerar às dificuldades que interferem no processo de aprendizagem da leitura. A respeito desta questão a professora relata, por meio da pergunta na tabela 4.

Tabela 4 - Pergunta 4:

<i>Quais as dificuldades que os alunos apresentam no processo de ensino e aprendizagem da leitura?</i>	
Diana	Trabalho com um 3º e 4º ano e tenho 46 alunos, três alunos que tem muita dificuldade na leitura e escrita, os mesmos têm dificuldade de aprendizagem e diagnostico médico.

Fonte: Ribeiro, 2018

A professora atua em duas turmas, pelo horário matutino na turma de 3º ano e pelo horário vespertino na de 4º ano, ambas correspondentes ao Ensino Fundamental I. Mas é importante ressaltar que a pesquisa se delimitou na turma de 3º ano. Em relação ao diagnósticos das dificuldades de aprendizagem de seus alunos, apenas um corresponde a turma onde foi realizada a pesquisa. O laudo médico afirma que a criança do sexo masculino recebeu diagnóstico de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade).

Em algumas situações, ficou evidente a preocupação da docente diante a não realização das atividades que eram repassadas para esse aluno. Fato que acontecia devido o aluno apresentar dificuldade na aquisição da leitura. A aquisição da leitura é uma tarefa desafiante para as crianças por ser uma característica da aprendizagem dos primeiros anos escolares. No entanto, no decorrer do ensino, o aluno depara com problemas que os deixam estagnados e assim são rotulados pelos professores e muitas vezes pela própria família como um ser incapaz, preguiçoso que não consegue nem mesmo aprender a ler.

O que leva as pessoas a pensar dessa forma é justamente a falta de conhecimento sobre os verdadeiros motivos que estão relacionados às dificuldades de aquisição da leitura. O professor precisa conhecer e refletir sobre os vários fatores que contribuem para o não desempenho de seus alunos em sala de aula. A respeito disso Rodrigues (2007, p.107) pondera: “A etiologia das dificuldades de

linguagem e aprendizagem em geral é diversa e pode envolver fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais (estrutura familiar relacional)”. Percebe-se que há necessidade da identificação precoce do que pode ser a causa desses problemas que envolvem as dificuldades de aprendizagem evitando para a criança consequências educacionais e sociais desfavoráveis. Não diferente da realidade de muitas escolas do nosso país, o cenário investigado não disponibiliza atendimento de todos os profissionais que deveriam trabalhar em conjunto para a promoção do desenvolvimento pleno de seus alunos.

Infelizmente fatores físicos, psicológicos e sociais ou a inter-relação entre esses fatores também interferem na aprendizagem dos outros alunos da sala. Cada dia de aula representa um dia de vitória, pois mesmo com todos os problemas que enfrentam, gostam de ir pra a escola. Os últimos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) refletem essa problemática, pois a escola apresentou baixos resultados nos níveis de proficiência em Língua Portuguesa com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental conforme gráfico abaixo:

Figura 8: Nível de proficiência em Língua Portuguesa



Fonte: <http://sistemasprovabrasil.inep.gov.br/provaBrasil/Resultados>

Os níveis mostrados no gráfico representam as diversas habilidades relacionadas à leitura de diferentes gêneros textuais. No nível 6 e 7, por exemplo, dentre as habilidades conferidas estão a de inferir assunto principal em tirinhas e interpretar linguagem verbal e não verbal em histórias em quadrinhos.

Há uma relação de respeito e reciprocidade entre professor-aluno, o que de certa forma ajuda amenizar as dificuldades enfrentadas tanto no processo de ensino, quanto no de aprendizagem. As dificuldades de leitura podem e deve ser superada através de estratégias onde se utilize recursos que apreenda a atenção dos alunos

de tal maneira que as atividades trabalhadas se tornem algo prazeroso. A esse respeito foi dirigida à docente a seguinte pergunta, conforme a tabela 5.

Tabela 5 - Pergunta 5:

<i>Você acredita que a utilização das histórias em quadrinhos pode propiciar algum tipo de rendimento no ensino da leitura dos alunos? Por quê?</i>	
Diana	Sim, porque nossos alunos têm carinho especial pelos gibis, visto que em alguns, estão os seus heróis preferidos.

Fonte: Ribeiro, 2018

A docente confirma em seu relato que seus alunos gostam desse tipo de leitura, e por isso querem ler quadrinhos. Para alguns, elas já fazem parte do seu cotidiano, sendo sua leitura muito popular entre eles, ou seja, não é um objeto de rejeição. Observou-se que quando eram selecionadas atividades do livro didático nas quais continham HQs, os alunos falavam para a professora que eles tinham em casa gibis, como o da turma da Monica, Capitão América e Vingadores dentre outros. Vergueiro et al (2012, p. 21) afirma que:

As histórias em quadrinho aumentam a motivação dos estudantes para os conteúdos das aulas, aguçando sua criatividade e desafiando seu senso crítico. A identificação dos estudantes com os ícones da *cultura de massa* - entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos, é também um elemento que reforça a utilização no processo didático.

Quando alguma atividade com os quadrinhos do livro didático era proposta, os alunos que tinham historinhas em quadrinhos em casa contavam uma prévia para a professora e os demais colegas as histórias sobre super-heróis que conheciam. Ficou notório como os alunos, com tanta facilidade, conseguiam argumentar aquilo que achavam mais relevante da história. Isso é sem dúvida propiciar ganho tanto para o proveito mostrando que de certa forma ler vai muito além da decodificação, ler é dá sentindo para suas vidas.

Com base nisso Pereira (2008,p.31):

Os quadrinhos contribuem de forma relevante para todas as fases: auxiliam na memorização, estimulam naturalmente para reprodução e produção própria do leitor proporcionando o gosto pela leitura. O uso das HQs é ferramenta indispensável para formar leitores não passivos, meros receptores, mais ativos, colaboradores importantes na leitura e na construção de novos textos.

As histórias em quadrinhos são narrativas quadro a quadro que se utiliza de desenhos e textos, em geral usando o discurso direto, que tenta se aproximar dos diálogos da língua falada, essa característica intrínsecas das HQs promove fácil compreensão de leitura, o que desperta motivação nos estudantes.

Com base nisso afirma que:

Tabela 6 - Pergunta 6:

<i>O uso das histórias em quadrinhos, em sua opinião, constitui uma ferramenta didática eficiente para atrair a atenção do aluno de modo que ele fique mais interessado para aprender os conteúdos ensinados?</i>	
Diana	Com certeza é uma ferramenta importante que nos ajuda a despertar o interesse pela leitura.

Fonte: Ribeiro, 2018

Ficou claro na afirmação da professora que pela experiência dela em sala de aula o uso das HQs apresenta diversos benefícios e potencialidades. A professora participante da pesquisa atua há 26 anos na rede de Ensino Fundamental e esses anos de docência lhe conferiram conhecimentos essenciais para o exercício da profissão. A partir das observações feitas em sala de aula, pode-se notar o seu compromisso profissional em sempre buscar novas informações e metodologias a fim de melhorar a aprendizagem dos alunos. Contudo, o peso da idade e dos anos trabalhados também traz um desgaste natural que inevitavelmente influencia no exercício do trabalho docente, afinal de acordo com um estudo bibliográfico feito por Santos, Marques e Nunes (2012)

O trabalho docente caracterizou-se como uma atividade intensa em vários aspectos, expressando-se tanto pela elevada carga horária presente, pelas exigências e cobranças por resultados impostos aos profissionais ou na precária infraestrutura existente, como pela desvalorização social e pela remuneração insuficiente e muito aquém da importância e necessidade dos professores.

Esta informação a respeito da professora é importante porque existem diversas variáveis que precisam ser analisadas quando o assunto é ensino e aprendizagem. Antes de ser um professor, o docente é um humano e, portanto tem suas limitações físicas e mentais que precisam entrar na equação no estudo dos processos da educação. Outro dado importante de ressaltar é que a professora entrevistada é formada em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Apesar de na Lei nº 9394/96 (LDB) constar que professores formados em qualquer curso de licenciatura estão habilitados para o exercício da docência nos primeiros anos do ensino fundamental, o Conselho Nacional de Educação através da resolução nº 01 de 2006 que institui as diretrizes curriculares para o curso de Licenciatura em Pedagogia estabelece que, dentre as diversas áreas, os graduados nesse curso devem atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental além de estarem aptos a “ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano; (BRASIL, 2006)”. Ou seja, há uma especificidade inerente ao curso que propicia ao graduado em Pedagogia uma formação própria para a atuação docente no ensino fundamental.

Na pergunta posterior a resposta da professora evidenciará essa relação:

Tabela 7 - Pergunta 7:

<i>Durante sua formação acadêmica, houve alguma disciplina que abordasse sobre as HQs?</i>	
Diana	Não.

Fonte: Ribeiro,2018

O curso de graduação em Pedagogia por ter essa dimensão formativa mais ampla quanto aos aspectos didáticos e pedagógicos no ensino das disciplinas básicas do ensino fundamental tem de proporcionar aos acadêmicos, oportunidades de se trabalhar com metodologias alternativas como as histórias em quadrinhos, por exemplo, no processo de ensino da leitura e/ou outras temáticas.

Apesar da maioria das atividades desenvolvidas na sala investigada serem baseadas no ensino por meio da memorização e repetição, havia um esforço por parte da professora em desenvolver novas estratégias que buscassem favorecer a aprendizagem dos alunos. É necessário que assim seja, pois muitas vezes é preciso mudar a prática docente e reconstruí-la partir de novos paradigmas teóricos. Weisz e Sanchez (2004, p.65) afirmam:

Se o professor procura inova sua prática, adotando um modelo de ensino que pressupõe a construção de conhecimento sem compreender suficientemente as questões que lhe dão sustentação, corre o risco, grave de ficar se deslocando de um modelo que lhe é familiar para outro, meio desconhecido, sem muito domínio de sua própria prática.

O professor vez que é desafiado a buscar novas estratégias de ensino, pois o processo de aprendizagem tem uma carga subjetiva e isso tem que ser levado em consideração, cada aluno segue um percurso e um ritmo de aprendizagem diferente. Não se pode pensar que ao escolher um caminho, esse será o único pelo qual os alunos compreenderão os conteúdos repassados. Pelo contrário uns podem aprender outros não. Para mudar a prática docente é preciso que o professor tenha consciência dos inúmeros fatores que influenciam na tomada de decisões. Não é fácil se colocar numa diferenciada ação docente principalmente quando ha necessidade de romper com repasse tradicional dos conteúdos.

3.2 A RECEPÇÃO DAS HQs EM SALA DE AULA

Nessa seção discute-se e analisa-se o resultado do questionário (Apêndice 2) aplicados aos alunos. A pesquisa contou com 24 estudantes da escola, dos quais 15 consentiram participar dos questionários, mas efetivamente apenas 13 o fizeram. Como forma de resguardar a indetidade dos alunos, pois estes têm entre 8 ass 9 anos de idade, todos são identificados com nomes ficticios sendo sugerido nomes dos personagens das histórias do qual eles mais gostam. Esta etapa da pesquisa teve como objetivo compreender a partir da perspectiva das crianças como elas concebem o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula. Foram formuladas quatro perguntas, as resposta que estão nas referidas tabelas abaixo. Algumas respostas foram selecionadas, a escolha se deu com o intuito de mostrar sem alteração, o processo de escrita no qual estão a maioria dos alunos, pois ainda apresentam dificuldades no que corresponde a ortografia.

A primeira pergunta indagava dos estudantes se as histórias em quadrinhos eram usadas com frequências na sala de aula e de que forma. Todas as respostas obtidas deixaram claro que o uso era esporádico, o que no dizer das crianças correspondeu a “às vezes sim e às vezes não”. Quanto à forma, foi unânime em todos os questionários que o uso das histórias em quadrinhos se dava a partir da leitura do livro didático de português. Uma das resposta está em destaque na tabela 1.

Tabela 1 Pergunta 1:

As historinhas em quadrinhos são usadas com frequência pelos alunos em sala de

aulas? De que forma são utilizadas?

Magaly

As vezes não as vezes sim ela utilizar no livro de língua portuguesa.

Fonte: Ribeiro, 2018.

Vergueiro et al (2012, p. 66) confirmam essa constatação quando afirmam que “as histórias em quadrinhos também passaram a ser utilizadas em sala de aula e ganharam espaço em muitos livros didáticos. Até os exames vestibulares e o Enem se apropriaram do recurso”. No entanto, embora isso seja importante, o fato de que a presença dos quadrinhos nas aulas ainda esteja atrelada somente às aulas de língua portuguesa na escola é um indicador de que esta forma de linguagem ainda precisa encontrar espaço enquanto ferramenta didática em outras áreas do conhecimento.

Nesse sentido Duarte (2016, p. 94) diz que “nos dias atuais os quadrinhos estão presentes de forma maciça nos livros didáticos, porém ainda de forma restrita e desprestigiada empobrecendo os riquíssimos recursos que os quadrinhos oferecem”. Na sequência, foi perguntado aos alunos como o professor os orientava em sala de aula a usarem as histórias em quadrinhos. Seguir a resposta do dado pelo aluno no questionário na tabela 2.

Tabela 2 Pergunta 2

Caso sua resposta na questão anterior seja “sim”, diga se o professor orienta ao alunos a usarem esse tipo de ferramenta?

Ben 10

Ela orienta no livro português na história e quadrinho da turma da Monica

Fonte: Ribeiro, 2018

Novamente, as respostas todas em essência diziam que o professor os orientavam em relação à prática da leitura e conseqüentemente da resolução das atividades propostas no livro didático que tinham como elemento motivador as HQs.

Para Silvério e Rezende (2012) o gênero discursivo das HQs, para além dos contextos humorísticos ou coloridos que possam ser apresentados, estabelece através da leitura de signos diversos uma gama maior de possibilidades de interpretação e significados, contribuindo para dar sentido àquilo que é lido.

Como forma de investigar as outras ferramentas didáticas usadas pelo professor, foi perguntado nos questionários se eram usados outros recursos além do quadro branco e a exposição oral.

Tabela 3 Pergunta 3

O professor utiliza em suas aulas outros recursos além do quadro branco (quadro de giz) e exposição oral? Quais?

Mônica	Só o quadro de giz o livro
---------------	----------------------------

Fonte: Ribeiro, 2018.

As respostas em sua totalidade deixaram evidente que a professora só usava os recursos tradicionais em suas aulas. Entretanto uma resposta chamou a atenção, pois o aluno respondeu “não, porque na minha sala não tem como”.

Essa resposta demonstra que já existe um senso crítico nas crianças ao identificar que as condições de sua sala e/ou escola não são as ideais para o pleno exercício da atividade do docente e dos discentes. Não se pode apenas olhar para a falta de dinamismo na didática do professor, pois há outros fatores que contribuem indiretamente para isso. Marques (2012, p.22) a partir de pesquisa de mestrado a respeito das condições de trabalhos dos docentes e sua interferência do processo de ensino-aprendizagem no ensino fundamental concluiu que:

[..] se o importante é oferecer uma educação de qualidade para todos, que possa ser comparada à dos países desenvolvidos, se faz necessário investir financeiramente na educação, implementando modificações na escola enquanto espaço de desenvolvimento humano e profissional.

De fato, a partir das observações realizadas durante a pesquisa observou-se que a escola só possui apenas um aparelho de data-show e que não há uma biblioteca adequada. Isso não impede o uso da criatividade do professor em usar outras estratégias e ou recursos além do quadro e exposição oral, mas certamente são fatores limitadores para sua prática docente bem como para a aprendizagem das crianças.

Por fim, a última pergunta foi repondida por um das aluna, onde se questionava aos estudantes se o uso das histórias em quadrinhos contribuía para a sua aprendizagem e de que maneira isso acontecia.

Tabela 4 Pergunta 4

O uso das HQs em sala de aula contribui para sua aprendizagem? De que maneira?

MulherMaravilha	sim ela ensina Portugues e Matemática e ate no livro ela ensina a ler a escreve
------------------------	---

Fonte: Ribeiro, 2018.

Todas as respostas foram afirmativas, o que demonstra que as crianças, ainda que intuitivamente, perceberam uma melhora na compreensão da leitura e do conteúdo a partir das HQs.

Segundo Costa (2010) os quadrinhos despertam o interesse nas crianças, pois desde cedo eles já tentam a partir de desenhos e traços representar o seu entendimento do mundo ao redor.

Dessa forma, o professor pode utilizar essa curiosidade que as crianças nutrem pelos desenhos para instigá-los a aperfeiçoar a leitura interpretativa e crítica a partir do trabalho orientado e planejado sobre as histórias em quadrinhos.

3.3 A FÁBRICA DE HQs.

Para confirmar a importância das histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura e verificar como esse recurso de alta potencialidade pode contribuir em sala de aula, fez-se necessário desenvolver oficinas de leitura. Uma questão importante de ressaltar diz respeito à escolha do material, planejamento e a estratégia para a utilizar as HQs nas oficinas realizadas.

Vergueiro et al (2012,p.27) diz que:

[...] à seleção do material a ser utilizado em aula. Considerando o número e variedade de publicações de histórias em quadrinhos existentes no mercado, essa seleção deve levar em conta os objetivos educacionais que se deseja alcançar. Nesse sentido, talvez o ponto fundamental dessa seleção esteja ligado à identificação de materiais adequados tanto em termos de temática como de linguagem utilizada, à idade e ao desenvolvimento intelectual dos alunos com os quais se deseja trabalhar [...].

Todos os pontos destacados para a escolha do material devem ser levados em considerações. Se assim proceder o professor com toda certeza irá atingir resultados satisfatórios. No decorrer da pesquisa foram realizadas três oficinas junto à turma. Para cada oficina foi elaborado um plano de aula, e em todas as atividades desenvolvidas foi utilizada uma caixa surpresa com (gibis, livros sobre as HQs) da “Turma da Mônica” de Maurício de Souza.

Na primeira oficina realizada era evidente que para muitos alunos aquele momento representaria seu o primeiro contato como o gênero. Mas alguns citaram revistas (gibis) de super-heróis bastante conhecidos dentre este, gibis Homem-Aranha e da Turma da Mônica. Com ajuda de slides as crianças pudessem conhecer um pouco sobre a origem das histórias em quadrinhos, bem como a cerca dos dois códigos interativos (a linguagem verbal e visual) ou seja, textos e imagens do qual as histórias são constituídas.

Logo após foi proposto a roda de conversa com o objetivo de dinamizar a atividade e a participação das crianças, ela aceitaram de imediato. Oliveira-Formosinho (2008, p. 16) afirma: “a criança é, assim, possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisão [...]”, por isso foi importante dar voz às ideias e a criatividade imaginativa das crianças que, se motivadas adequadamente, participam ativamente da aula. elas

A roda de conversa proporcionou um diálogo bastante significativo, pois foi o momento em que se apresentou as histórias em quadrinhos da “Turma da Mônica”. Ao ser distribuídos os gibis que estavam na caixa surpresa, ficou evidente no rostinho de cada um a alegria de poderem manuseá-los. As crianças puderam fazer tentativas de leitura, exploraram bastante e compartilharam idéias. A prática da leitura, o desejo e prazer de ler, sem dúvidas foi proporcionado. Além do mais levantar os conhecimentos prévios foi o ponto de partida para a realização das oficinas posteriores.

Na segunda oficina realizada, mais uma vez as crianças foram convidadas a participar da roda de conversa dando continuidade na leitura das histórias da “Turma da Mônica”, onde puderam conhecer melhor seus personagens. Como os gibis são recheados de varias tiras que aborham situações vivenciadas pelas pessoas, onde seus personagens trazem uma representatividade do povo brasileiro, seu espírito alegre e comunicativo, os alunos facilmente se identificaram. Elas escolhiam as histórias que mais lhes chamavam atenção para ler e depois comentavam a respeito. Uma das histórias escolhidas foi da coleção “Turma do Chico Bento *em* Palavras”. Como pode-se perceber na figura 9 abaixo:

Figura 9: Quadrinhos do Chico Bento



Fonte: Chico Bento nº 100. Panini Comics Abril de 2015.

Ramos et al (2012, p.68) afirma que: “[..] aos olhos da gramática normativa, o caipira criado por Maurício de Souza fala errado. Vale a pergunta: tal fala não está adequada, dentro do contexto situacional? Ao que tudo mostra, sim”, ao usar esta historinha foi oportuno abrir uma discussão de vários assuntos em sala de aula dentre eles temas como Preconceito Linguístico e Variação Linguística.

Durante a leitura da história feita por um dos alunos, alguns coleguinhas riam achando engraçado o jeito de falar do personagem Chico Bento que é morador da zona rural. Foi fundamental fazer os alunos perceberem as diferenças entre Rosinha e Chico Bento, como o vestuário, o cabelo e a representação da fala de Chico Bento e da professora, esta que se expressa de uma maneira mais próxima à norma culta. Observa-se na história que Chico Bento ao fazer a pergunta para Rosinha sua coleguinha de sala de aula ele é interrompido pela professora que imediatamente o corrige e pede para que ele vá a lousa escrever certo a palavra acerola. As crianças relataram de esta é uma realidade vivenciada por elas na escola. Outra história que foi abordada durante as oficinas foi a da “Turma da Mônica em Viva as diferenças”, onde o autor trabalha temas que envolve amizade, respeito, amor e inclusão social, em destaque estão personagens com deficiência: a Tati (Síndrome de Daw), o Luca (Cadeirante) e a Dorinha (Deficiente Visual).

Figura 10 - Gibi inclusão social



Fonte: turmadamonica.com.br

Ao lerem as histórias as crianças se identificaram muito com a temática, pois alguns alunos conhecem pessoas ou têm parentes próximos com necessidades especiais, outras têm parentes próximos relataram que conhecem pessoas puderam compreender que ser diferente é normal, pois cada pessoa é um ser único. A deficiência é apenas mais uma característica da condição humana.

As duas histórias trabalhadas foram selecionadas a partir de uma conversa em sala com a professora da turma que sugeriu temas que buscassem trabalhar o respeito ao próximo, a amizade e como a própria docente afirmou o combate ao bullying. Ao problematizar e discutir sobre essas questões, as crianças davam sentido relatando as vivências e experiências do seu cotidiano. Elas se sentiram tão familiarizadas que sugeriram a produção de suas próprias HQs.

Então, realizou-se a terceira e última oficina. A turma foi dividida em grupos para que os alunos pudessem produzir suas próprias histórias em quadrinhos. Para facilitar o processo de construção das histórias foram formados cinco grupos. Cada grupo decidiu o tema, os personagens, o cenário, qual fato ou acontecimento a ser narrado. Ao escolherem os temas para suas histórias, os alunos abordaram questões com as quais mais se identificaram. Todos os grupos elaboraram histórias e textos muito interessantes.

Um dos grupos por exemplo abordou um tema sobre preservação (Anexo 3), já outros dois grupos elaboraram histórias sobre Amizade como os disponibilizado no (Anexo 4) e demonstrado nas figuras 10 e 11 a seguir:

Figura 11: Produção dos alunos na oficina



Fonte: Crianças da escola, 2018

Percebe-se que através das oficinas realizadas anteriormente, houve uma participação ativa e significativa, pois as produções realizadas pelas crianças partiram daquilo que ouviram, leram e compartilharam em sala de aula com os coleguinhas, o tema Amizade foi bastante enfatizado, tornou-se destaque. A divisão em grupos proporcionou uma integração e socialização das ideias que tendem a ser benéficas, pois, desse modo, as crianças com maior facilidade de comunicação e expressão visual, oral e escrita estimulam e motivam aquelas que têm mais dificuldades a progredirem juntas.

Além disso, pelas produções escritas e artísticas dos alunos percebeu-se que, apesar da idade, eles já conseguem fazer a interação visual e escrita que é tão característica das histórias em quadrinhos (Anexo 5). As noções básicas de sequenciamento narrativo em quadrinhos foram assimiladas e aparecem presentes nas suas produções que, inclusive chegam a tratar de temas complexos como o da inclusão que aparece ilustrado nas figuras abaixo.

Figura 12: Produção dos alunos sobre inclusão na escola



Fonte: Crianças do escola, 2018

A discussão sobre inclusão deve estar presente em sala de aula, pois com as políticas públicas que ao longo dos anos foram sendo implementadas, muito já se pode avançar em relação ao acesso de crianças com necessidade especiais à escola.

Durante as oficinas, os estudantes relatavam que conheciam as pessoas com necessidades especiais, algumas são membros da família ou colega da escola. A escola recebe alunos com esse perfil e as crianças encaram isso com muita naturalidade. Dessa forma, fica evidente o quanto as histórias em quadrinhos podem contribuir em relação à aprendizagem da leitura, participação, estímulo de valores sócio-afetivos e criticidade quando usadas de maneira planejada pelo docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe relevantes informações sobre as histórias em quadrinhos e como esta pode ser utilizada como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura. A discussão da temática da pesquisa pautou-se em autores da área específica. Por meio desta foi possível mostrar a importância das HQs como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem da leitura. Durante a pesquisa através de observações foi possível identificar dificuldades de aprendizagem da leitura na sala investigada e a partir dessa constatação algumas oficinas de leitura foram desenvolvidas como o intuito de verificar as contribuições que o uso do gênero textual histórias em quadrinhos pode trazer para o trabalho em sala de aula amenizando tais dificuldades.

Os resultados da presente pesquisa mostram que o uso do gênero textual (as histórias em quadrinhos) pode contribuir como ferramenta didática no processo de ensino aprendizagem da leitura, pois, os alunos encontram nesse gênero, palavras, imagens e uma série de recursos visuais que ajudam a leitura a se tornar mais atrativa, dinâmica e prazerosa levando-os a amenizarem suas dificuldades de aprendizagem. Entretanto, é importante ressaltar que seu uso em sala de aula não pode ser justificado apenas pela vantagem de se apresentar melhor ou de forma mais atrativo determinado conteúdo, principalmente quando se prioriza uns, em detrimento de outros, considerado pela escola menos importante.

Se o professor adota-la e inseri-la em sua prática pedagógica certamente estará ajudando a formar cidadãos mais habituados ao exercício da leitura, críticos, capazes de compreender a mensagem que está sendo transmitida e dela fazer uso para interpretar o mundo que o cerca.

Portanto, a presente pesquisa é relevante pois evidencia que existem vários motivos para as histórias em quadrinhos serem utilizadas em sala de aula e traz um panorama das dificuldades reais enfrentadas pelo professor no exercício da docência que vão desde a falta de uma estrutura escolar mais adequada até a formação docente passando pelas dificuldades de aprendizagem observadas nos alunos. Espera-se que a partir desse trabalho

novas perspectivas sejam vislumbradas quanto às vantagens obtidas ao se usar as Histórias em Quadrinhos em sala de e que esse caminho seja capaz de estimular novas idéias para sua utilização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 02 jun. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e 11.494, de 20 de junho 2007. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 02 jun. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf. Acesso em: 02 jun. 2018.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BORGES, L R. **Quadrinhos: Literatura Gráfico-Visual**. Agaquê, São Paulo, ano 3, nº 2, ago. de 2001. Disponível em : http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano3/numero2/agaquev3n2_1.htm. Acesso em: 02 jun. 2018

CAMPOS, C C O. **Quadrinhos e o incentivo à leitura**. Brasília, FCI/UnB, 2013.

CAMPOS, M F; LOMBOGLIA, R. HQ: uma manifestação de arte. In: LUYTEN, S M (Org.). **História em quadrinhos: leitura crítica**. 2^oed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. 8^a ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, M. F. **Os quadrinhos em sala de aula**. Guarabira:UEPB, 2010.
Disponível

em:<dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/.../PDF%20%20Marsoniel%20Felipe%20da%20Costa.pdf>. Acesso em: 01/10/2018.

D'OLIM MAROTE, J T; D'OLIM MAROTE F, G. **Didática da língua Portuguesa**. 11^o.ed. – 4^o impressão – São Paulo: Ática, 2003.

DUARTE, I.C.M. **A relação quadrinhos e livro didático**: uma análise sobre a integração entre linguagem verbal e imagética. Dissertação Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Santa Catarina, 2016. Disponível em : <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/4374> >. Acesso em: 01/10/2018.

FONSECA, L A M. **Metodologia Científica ao alcance de todos**. 3^oed. Manaus; Editora Valer, 2008.

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6^oed. São Paulo; Editora Atlas S.A, 2008.

FULAN, C. HQ e os “syndicates” norte-americanos. In: LUYTEN, S M.B (Org.). **História em quadrinhos: leitura crítica**. 2^oed. São Paulo; Edições Paulinas, 1985.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas nas pesquisas com crianças**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41-59, julho-2002.

LACHTERMACHER, S; M, E. HQ no Brasil: sua história e luta pelo mercado. In: LUYTEN, Sônia M (Org.). **História em quadrinhos: leitura crítica**. 2^oed.São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

MARCONI, M A; LAKATOS, E M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2.ed. – – São Paulo: Atlas, 1990.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E M. **Fundamentos de Metodologia científica**. 6.ed. – reimp. – São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES, G.F. **As condições do trabalho docente e o processo ensino-aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental**. In: Seminário Internacional de La Red Estrado, XI, Cidade do México, 2012. Disponível em:< redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo1/167.pdf>. Acesso em: 01/10/2018.

MORAN, J M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 4 ed. Campinas, SP: 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J (org.). **A escola vista pelas crianças**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 2008.

PEREIRA, F R. **O uso das histórias em quadrinhos na sala de aula de língua inglesa no 8º ano do Ensino Fundamental**. Goiás, UEG, 2013.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2.ed.- reimp.- São Paulo: Contexto, 2016.

RODRIGUES, A C S. **Aquisição da Linguagem oral e Escrita**. Ubra, Ed. São Paulo. 2007

SEVERINO, A J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J N. HQ nos livros didáticos. In: LUYTEN, Sonia M.Bibe (Org.). **História em quadrinhos: leitura crítica**. 2ºed. São Paulo; Edições Paulinas, 1985

SILVÉRIO, L. B.; REZENDE, L. A. **O valor pedagógico das histórias em quadrinhos no percurso docente de língua portuguesa.** In: Fórum de professores de Didática, I, Londrina, 2012. Disponível em:<<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/2012---anais-da-i-jornada-de-didatica-e-do-i-forum-de-professores-de-didatica-do-estado-do-parana.php>>. Acesso em: 01/10/2018.

TRIVIÑOS, A N. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** – 1.ed. – 23.reimpr. – São Paulo: Atlas, 2015.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** 1.ed, 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2015.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no Ensino. In: RAMA, Â; VERGUEIRO, W (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2012.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** 2º.ed, 12º impressão – São Paulo: Ática, 2004.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AO DOCENTE



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

QUESTIONÁRIO APLICADO AO DOCENTE

IDADE: 30

SEXO: F

FORMAÇÃO ACADÊMICA: bacharelado em Ciências e Biologia

TEMPO DE SERVIÇO: 24 anos

1 – Você pode enumerar algumas características específicas da linguagem das histórias em quadrinhos?

Os gibis são um tipo de leitura
super interessante para trabalhar
no processo de alfabetização pois
apresenta leitura fácil e divertida
com bastante ilustrações e sons que
trazem as emoções dos personagens

2 – Qual a aplicabilidade das HQs (histórias em quadrinhos) no ensino em sala de aula? Em que momentos você acha que elas poderiam ser utilizadas?

Nos momentos de leitura principal
mente no momento da alfabetização a
criança se encanta com os
textos, ilustrações e personagens

3 – Os professores da escola, onde você trabalha, costumam utilizar as histórias em quadrinhos como ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem da leitura? Quais gêneros, além das tiras e charges presentes nos livros didáticos os professores conseguem utilizar em suas aulas? Cite exemplos:

Não muito porque este gênero
textual quase não encontramos livros
disponíveis na escola. Geralmente
trabalhamos com que aparece nos
livros didáticos. São as ações dos heróis
que nossos alunos têm e chegam
na sala de aula.

4 - Quais as dificuldades que os alunos apresentam no processo de ensino-aprendizagem da leitura?

Trabalho com um 3º e 4º ano e tenho 46 alunos, três alunos tem muita dificuldade na leitura e escrito os mesmo tem dificuldade de aprendizagem e diagnóstico medico.

5 - Você acredita que a utilização das histórias em quadrinhos pode propiciar algum tipo de rendimento no ensino da leitura dos alunos? Por quê?

Sim porque nossos alunos tem carinho especial por livros muito que em alguns estão os seus heróis preferidos.

6- O uso das histórias em quadrinhos, em sua opinião, constitui uma ferramenta didática eficiente para atrair a atenção do aluno de modo que ele fique mais interessado para aprender os conteúdos ensinados?

Com certeza é uma ferramenta importante que nos ajuda a despertar o interesse dos alunos pela leitura.

7 - Durante sua formação acadêmica, houve alguma disciplina que abordasse sobre as HQs?

Não.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DISCENTES

1 – As histórias em quadrinhos são usadas com frequência pelos alunos na sala de aula? De que forma são utilizadas?

2- Caso sua resposta na questão anterior seja “SIM”, diga se o professor orienta os alunos a usarem esse tipo de ferramenta?

3 - O professor utiliza em suas aulas outros recursos além do quadro branco (quadro de giz) e exposição oral? Quais?

4 – O uso das HQs em sala de aula contribui para sua aprendizagem? De que maneira?

ANEXO 1 – DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

Ofício nº 038/2018 – CESP/UEA-CPP, Parintins, 11 de junho de 2018.

De: Simone Souza Silva
Coordenadora do Curso de Pedagogia – CESP/UEA

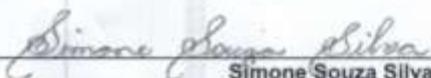
Para: Naldilene dos Santos Jacauna
Gestora do Centro Educativo Nossa Senhoras Das Graças

Senhora Gestora,

Ao cumprimentar cordialmente Vossa Senhoria, encaminho **SORAIA BATISTA RIBEIRO** matrícula (1427120039) acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, na Universidade do Estado Amazonas – CESP/UEA, para coletar, observar e pesquisar dados referente ao trabalho de conclusão de Curso TCC, sob responsabilidade da professora Mestre Delma Pacheco Sicsú, essa pesquisa se dará no período de 11 de junho à 31 de agosto de 2018, sendo que nesse período a referida acadêmica estará aplicando oficinas.

Esperando contar com seu apoio e compreensão, reitero votos de elevada estima e distinguida consideração.

Respeitosamente


Simone Souza Silva
Coordenadora do Curso de Pedagogia
CESP/UEA

Recebido: 31.06.18
Naldilene dos Santos Jacauna
Gestora
Portaria nº 117/2018 - 103/18

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS- CESP
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO DE DEPOIMENTO E USO DE IMAGEM

NOME DA CRIANÇA: _____

IDADE: _____

ENDEREÇO: _____

OBJETO: Entrevista gravada, fotografia, filmagem exclusivamente para o Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

DA PARTICIPAÇÃO: Autorizo meu/minha filho (a) participar da pesquisa: “A utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta didática pedagógica no processo de ensino aprendizagem da leitura”. Esta pesquisa se realizará no período de 11 de junho a 31 de agosto de 2018.

DO USO: Autorizo o uso da Universidade do Estado do Amazonas- Curso de Pedagogia sito à Estrada Odovaldo Novo s/n-Parintins-AM, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros e plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que minha/meu filho (a) prestará a acadêmica: **Soraia Batista Ribeiro** matrícula **1427120039** acadêmica do curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, na Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA sob a orientação da professora Mestre **Delma Pacheco Sicsú**.

A Universidade do Estado do Amazonas- Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP- Curso de Pedagogia fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Parintins-AM, agosto de 2018.

Assinatura do pai e/ou responsável pela criança.

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Universidade do estado do Amazonas
Av: Djalma Batista, 3578- Flores
CESP: 69050-010/Manaus-AM

ANEXO 4 - HISTÓRIA EM QUADRINHO PRODUZIDA NA OFICINA



ANEXO 5 - HISTÓRIA EM QUADRINHO PRODUZIDA NA OFICINA

